

Aula 6

3 formas de definição de sujeito: 1) semântica; 2) sintática; 3) modal. Ex: sujeito modal: ação do sujeito e relação de posse passiva. Ex: sujeito de acesso: em estados passionais.

PAIXÕES E APAIXUNADOS: EXAME SEMIÓTICO DE ALGUNS PERCURSOS

Depois de descrever a ação narrativa, dedicou-se a Semiótica ao exame da relação intersubjetiva de manipulação entre o destinador e o destinatário, quando, então, enveredou pelo caminho da modalização, já antes presentida na definição da competência do sujeito operador. Natural, portanto, que as modalidades que se aplicam ao fazer e os enunciados modais que regem enunciados do fazer, tenham sido os primeiros a serem examinados. Nada mais previsível, tampouco, que o passo seguinte tenha sido a abordagem da modalização do ser, que resultou na semiótica das paixões.

As paixões, por conseguinte, são entendidas, neste trabalho, como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito.

Dois caminhos apresentam-se: o primeiro estabelece a relação entre a organização modal narrativo-discursiva e as categorias semânticas da estrutura fundamental que estão por detrás das paixões, ou seja, preocupa-se com a relação vertical e de conversão entre dois níveis do percurso gerativo, para explicitar, de uma certa forma, a «origem» gerativa das paixões; o segundo tenta determinar, horizontalmente, as relações sintagmáticas modais que caracterizam as paixões, a partir de configurações discursivas, e, também, suas relações paradigmáticas, que constituem «sistemas de paixões».

Neste artigo, descrevem-se apenas as organizações sintagmáticas e sintáticas de algumas paixões, denominam-se tais estruturas com os recursos do léxico português e estabelecem-se, a partir daí, as relações paradigmáticas do «sistema» das paixões. Tomam-se como ponto de partida as análises semióticas de paixões lexicalizadas — da cólera (GREIMAS, 1981), do desespero (FONTANILLE, 1980), da indiferença (MARSCLANT, 1984) — e recorre-se ao Novo Dicionário Aurélio para o exame das paixões-lexemas no português.

A descrição das paixões se faz em termos de sintaxe modal, ou seja, de relações modais e de suas combinações sintagmáticas, que produzem efeitos de sentido «afetivos» ou «passionais». As fronteiras entre o patêmico e o não-patêmico dependem da cultura, da época, da história, cada formação social delineando suas configurações patêmicas (GREIMAS, 1983: 16).

Para explicar as paixões é preciso, portanto, examinar as relações actanciais, os programas e percursos narrativos do texto.

Ha três formas de definição da existência do sujeito: existência semiótica, determinada pela relação sintática entre sujeito e objeto (definição topológica de narrativa como lugar de circulação de valores); existência semântica, caracterizada pela relação do sujeito com o valor (narrativa como sintaxe de comunicação entre sujeitos); existência modal, em que o sujeito se define pela modalização do seu ser e assume papéis patêmicos (narrativa como sintaxe modal). Os «estados de alma» estão relacionados à existência modal do sujeito, ou seja, o sujeito segue um percurso, entendido como uma sucessão de estados passionais. A intenção neste trabalho é descrever a sucessão de estados passionais de alguns percursos e mostrar que cada etapa produz efeitos de sentido «afetivos», lexicalizados como paixões diferentes.

Distinguem-se, em primeiro lugar, paixões simples ou paixões de objetos, resultantes de um arranjo modal da relação sujeito-objeto, de paixões complexas, em que as modalidades se organizam em uma configuração patêmica e desenvolvem percursos. Os percursos modais sofrerão a variação tensiva própria da organização narrativa e caminharão da tensão «passional» a seu relaxamento e vice-versa.

As paixões simples decorrem da modalização pelo /querer-ser/. O quadro a seguir, mostra as articulações modais do /querer-ser/ e algumas possíveis lexicalizações:

/QUERER-SER/	/NÃO QUERER NÃO SER/	/QUERER NÃO SER/	/NÃO QUERER SER/
desejo (vontade)	avareza mesquinhez	despreendimento generosidade	repulsa medo
anseio	usura	literalidade	aversão
ambição	sovinice	prodigalidade	desinteresse
cobiça cupidez			
avidez curiosidade			

Percebem-se, pelas definições analisadas, mais dois critérios de diferenciação das paixões de objeto: a maior ou menor intensidade do querer — desejo ardente, sófrego, veemente, excessivo, violento, irremediável — e os tipos de valores desejados — pragmático-descritivo na cobiça, na cupidiez, na avareza, em que se desejam bens materiais; descritivo e modal, na ambição, em que se quer tanto ter quanto poder; indiferentemente pragmático ou modal, na inveja ou no anseio; cognitivo na curiosidade, que se define pelo querer-saber.

Outros elementos de classificação das paixões simples podem ser lembrados: explicitação do desdobramento polêmico — na inveja, o /querer-ser/ implica em querer que o outro não seja, isto é, os valores desejados estão em conjunção com outro sujeito —; intenção de conservar o estado de conjunção, como na avareza, ou de transformar a disjunção em conjunção, como na ambição.

paixões = efeitos de sentido de manipulação de sujeitos modais = modalização de ser. Ex: ambição = desejo de ser mais do que os outros. Ex: avidez = desejo de saber.

Semiótica: exame de rel. intersubjetiva de manipulação entre destinador e destinatário (modalização de ser). Ex: ambição = desejo de ser mais do que os outros. Ex: avidez = desejo de saber.

Qual é a origem das paixões?

Paixões simples vs paixões complexas. Ex: avidez = desejo de saber.

Outros elementos de classificação das paixões simples podem ser lembrados: explicitação do desdobramento polêmico — na inveja, o /querer-ser/ implica em querer que o outro não seja, isto é, os valores desejados estão em conjunção com outro sujeito —; intenção de conservar o estado de conjunção, como na avareza, ou de transformar a disjunção em conjunção, como na ambição.

Muitas vezes, no português, as oposições encontradas entre as paixões anulam-se e certos termos empregam-se, indiferentemente, em uma ou outra situação passional: a esganação é sinônimo tanto de avareza quanto de avidez. As paixões complexas serão descritas, neste texto, a partir do estado inicial de espera (Greimas, 1981). A espera define-se pelo arranjo modal que segue:

Paixões complexas:
Estado inicial de espera:
/querer-ser/
/crer-ser/

1. /querer-ser/
O sujeito da espera deseja estar em relação de conjunção ou de disjunção com um objeto valor: $[S_1 \cap \text{amor de } S_2]$ ⊙

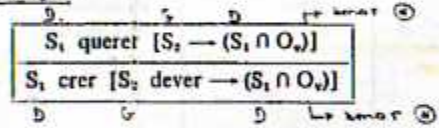
2. /crer-ser/
O sujeito da espera nada pretende fazer para concretizar suas aspirações e, por isso, mantém com outro sujeito uma relação fundamentada na confiança e crê poder com ele contar para realizar suas esperanças ou direitos, ou seja, atribui ao outro sujeito um /dever-fazer/. O contrato que se estabelece entre os sujeitos é, muitas vezes, um contrato imaginário. No ensaio citado, Greimas, com muita felicidade, denominou o fazer cognitivo contratual do sujeito construção de simulacros. Os simulacros são objetos imaginários, mas que, mesmo assim, determinam as relações intersubjetivas.

→ não é o caso de saber e querer ser? → não (22)

→ condições de realização com rel. a G] ⊙

Fazer cognitivo contratual do subj. ⇒ construção de simulacros (obj. imaginários)

Podem-se representar a espera pelos programas narrativos abaixo, em que S_1 é o sujeito da espera e S_2 o sujeito do fazer com quem S_1 conta para realizar seus desejos:



⊙ $[S_1$ quer que S_2 o ponha em conjunção com os objetos-valor e crê que S_2 deva fazê-lo).

O sujeito do crer e o sujeito do ser, em /crer-ser/, não são obrigatoriamente os mesmos, pois, /crer-ser/ se entende tanto como «crer que o outro é»; quanto como crer nas suas próprias qualificações.

A partir da espera, desenvolvem-se diferentes percursos em que as determinações modais do sujeito fabricam efeitos de sentidos que são ditos «passionais». Passa-se agora a examinar as configurações passionais previstas a partir desse estado inicial.

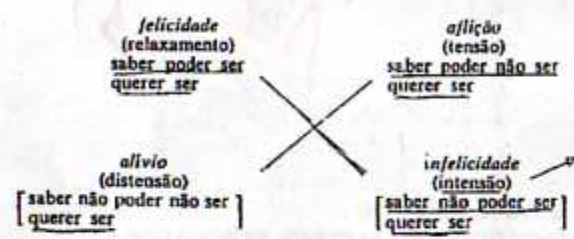
Como a espera é tanto uma espera de valores quanto um contrato fiduciário simulado, distinguem-se claramente dois grupos de paixões: as primeiras decorrem das relações que se estabelecem entre sujeito e objeto, as segundas dependem do contrato de confiança instaurado entre os sujeitos.

As paixões do primeiro grupo, por dizerem respeito às relações junctivas estabelecidas entre sujeito e objeto, confundem-se, às vezes, com as paixões simples de objetos, já referidas. No entanto, enquanto as paixões simples resultam da modalização do objeto-valor pelo /querer-ser/ as paixões complexas ora em exame definem-se pela combinação, compatível em maior ou menor grau, do /querer ser/ com o saber sobre as possibilidades

→ paixão de saber sobre possibilidades de ocorrência ou não da conjunção/disjunção

Estado inicial de espera
→ 2ª fase: condições de realização
→ 3ª fase: condições de realização
→ 4ª fase: condições de realização

de ocorrência ou não da conjunção desejada pelo sujeito da espera. O /saber poder ser/ sobre modaliza a espera. São os casos de tristeza, pesar, tormento, tortura, angústia, aflição ou de alegria, felicidade, contentamento.



2ª fase: condições de realização de ocorrência ou não da conjunção/disjunção?

A modalização pelo /saber-poder/ assegura a variação passional e revela ao sujeito a verdade ou a falsidade de sua relação com o objeto. É o momento de «tomada de consciência»:

felicidade : saber possível a conjunção desejada.
infelicidade: saber impossível a conjunção desejada.
aflição : saber incerta, evitável, insegura, a conjunção desejada.
alívio : saber certa, inevitável, segura, a conjunção desejada.

1. saber-poder; 2. tomada de consciência; 3. não se trata de uma falsidade de um tipo rel. do alívio.

- Os percursos de variação de tensividade são:
- da tensão ao relaxamento: aflição → alívio → felicidade.
 - do relaxamento à tensão: felicidade → infelicidade → aflição.

Podem-se distribuir os lexemas do português, em sua maioria interdefinidos no dicionário, no quadro abaixo:

FELICIDADE	INFELICIDADE	AFLIÇÃO	ALÍVIO
felicidade	infelicidade	aflição	alívio
contentamento	descontentamento	pena	desopressão
satisfação	insatisfação	ansiedade	tranquilidade
alegria	tristeza	ânsia	desafogo
deleite	dor	cuidado	paz
júbilo	pesar	inquietação	
exultação	tormento	agonia	
prazer	tortura		
	angústia		
	frustração		

Os lexemas pesar, dor, tormento, tortura e angústia correspondem, em geral, à infelicidade, mas pertencem, também, ao paradigma da aflição. A diferença é, essencialmente, de tensividade. O tormento, por exemplo,

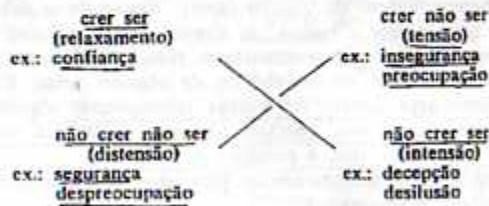
quando é manifestado como termo intensivo, confunde-se com a *infelicidade*. quando ocorre como termo tenso, com a *aflição*.

Explicar uma paixão como a *frustração*, que se define como «estado daquele que, pela ausência de um objeto ou por um obstáculo externo ou interno, é privado da satisfação de um desejo ou de uma necessidade», significa não apenas dizer que esse efeito passional decorre da combinação do /querer-ser/ com o /saber não poder ser/, mas pressupor um percurso narrativo com, pelo menos, duas etapas: a da felicidade ou satisfação, em que o sujeito espera confiante os valores desejados (quer ser e sabe poder ser) e a da frustração propriamente dita, em que o sujeito continua a desejar os valores, mas sabe ser impossível a realização de seus anseios. Da mesma forma, a paz é entendida como a distensão de uma situação anterior de aflição: o sujeito que aspirava a determinados valores e sabia incerto a obtenção deles (quer ser e sabe poder não ser) passa a ter a segurança de obtê-los (quer ser e sabe não poder não ser).

O segundo grupo de paixões em exame a partir da espera contém as paixões epistêmicas do /crer-ser/, ou seja, as paixões que resultam das relações contratuais de confiança estabelecidas entre os sujeitos.

Podem-se estabelecer correlações entre as paixões epistêmicas do /crer-ser/ e as paixões complexas do /querer-ser e saber poder-ser/: se a *felicidade*, por exemplo, é o «efeito de sentido» decorrente da conjunção com o objeto-valor ou, ao menos, do saber sobre sua possibilidade, deve estar ligada à *confiança*, pois só a confiança no fazer do outro permite saber sobre a possibilidade de conjunção.

As paixões do segundo grupo são paixões de confiança ou de decepção, conforme se vê no esquema que segue:



Nas paixões de confiança — confiança, fé, certeza, convicção, crença, esperança, expectativa, espera, ilusão — alguns lexemas marcam o carácter imaginário do simulacro fiduciário (ilusão, expectativa), outros ressaltam a confiança em si mesmo (confiança), outros ainda a confiança no sujeito do fazer.

Teve-se dificuldade na escolha lexical do /querer-ser + crer não ser/, isto é, querer estar em conjunção e, ao mesmo tempo, acreditar que o sujeito do fazer nada fará para isso. Optou-se, enfim, por *insegurança*, definida no Aurélio como «falta de segurança». *Segurança*, por sua vez, é entendida como «condição daquele ou daquilo em que se pode confiar; confiança em si mesmo».

Escolheu-se, assim, o termo segurança para cobrir a organização modal do /querer ser + não crer não ser/.

Os percursos de variação tensiva das paixões de confiança e decepção desenvolvem-se em:

1. Percurso de aumento de tensão: relaxamento → intensão → tensão

CONFIANÇA	DECEPÇÃO	INSEGURANÇA
querer ser	querer ser	querer ser
crer ser	não crer ser	crer não ser

2. Percurso de diminuição de tensão: tensão → distensão → relaxamento

INSEGURANÇA	SEGURANÇA	CONFIANÇA
querer ser	querer ser	querer ser
crer não ser	não crer não ser	crer ser

A crise de confiança manifestada no primeiro percurso provém da incompatibilidade do /crer S. dever fazer/ com o /saber S. não fazer/ e resulta no /não crer ser/ da decepção. O sujeito *crédulo*, confiante, passa a sujeito *cético*, *descrente*, tanto do sujeito do fazer, quanto dele próprio, sujeito de estado que não soube bem empregar sua confiança. A manutenção do estado de decepção ocorre em *ressentimento*, *desilusão*, *desengano*, *desapontamento*, *desesperança*, *decepção*, *mágoa* (sentimento ou impressão desagradável, causada por ofensa ou desconsideração), *desconfiança*, *descrença*.

A maior parte dos vocábulos define-se pela negação do /crer-ser/ ou da esperança, ora mostrando o carácter ilusório, enganoso do contrato ora ressaltando o rompimento desse compromisso. *Mágoa* e *ressentimento* explicitam a duração do efeito passional e atribuem a paixão não só ao /não-fazer/ do sujeito, como também a seu fazer contrário (ofensa). Inclui-se, nesse caso, *rancor*, causado, segundo o dicionário, pela ação de um sujeito prejudicial a outro.

No léxico português encontram-se, com muita frequência, paixões que englobam os efeitos da *insatisfação* (privação do objeto) e da *decepção* (crise de confiança), como *amargura*, *azedume*, *acrimônia*, *desagrado*, *amargor*, *desprazer*. Não se descobriram, no português, paixões decorrentes, simultaneamente, da satisfação e da confiança. Trata-se de problema de lexicalização, pois, do ponto de vista da estrutura das paixões, nada impede o surgimento de paixões em que se combinem a confiança e a satisfação.

Tomou-se *amargura* como termo padrão desse tipo de paixão lexicalizada:

amargura: sofrimento arraigado de dor e de ressentimento.

Observe-se, na definição acima, que *dor* manifesta a organização sintagmática da *insatisfação* (separação do objeto) e *ressentimento*, a da

percurso narrativo
de 2 etapas
1. felicidade
2. frustração

sempre
as paixões
epistêmicas
da confiança
→ está
ligada à
confiança
sobre o
fazer

paixões
de confiança
ou de decepção

com de D.
frustração
de ligação
saber não poder ser

relaxação
tensão ou 2
estapas

com de D.

com de D.

construção
da decepção

de: realização
e insatisfação
é dor + insatisfação
a insatisfação
é a dor
fica a dor
insatisfação
= dor

o mesmo
verbo de
aflição
na p. 102
(Parsons
atribuiu
insatisfação
felicidade)

com de D.

de:
verbo
insatisfação
etc

há uma
relação
entre
os dois

Problema de
lexicalização

paixões
de confiança
e satisfação
simultaneamente

paixões
de confiança
e satisfação

decepção (perda de confiança), os dois traços determinadores do subgrupo. Além disso, arraigado simboliza, especialmente, uma característica de toda a classe de paixões que se está examinando, que é a aspectualidade durativa. É bastante freqüente a manifestação espacial do aspecto, sobretudo pelo traço de profundidade: além de arraigado, em amargura, há profundamente. em ressentimento e rancor. Resta salientar que os lexemas encontrados nesse grupo de paixões são marcadamente sensoriais, e gustativos, em especial. A figura do gosto articula-se em amargo e azedo, sempre em oposição a doce.

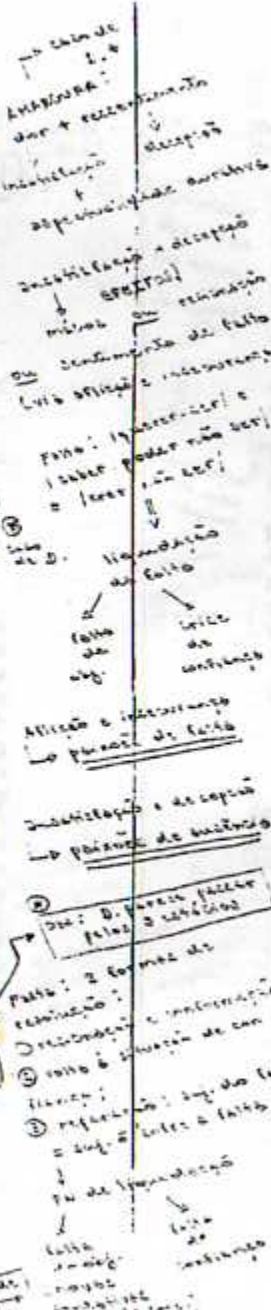
A insatisfação e a decepção, quer ocorram juntas ou separadamente, podem, como se viu, ser determinadas aspectualmente pela duração e prolongar-se em novos efeitos passionais, de mágoa que perdura ou de resignação, por exemplo. Outra possibilidade de desenvolvimento narrativo, também já entrevista, é a da insatisfação e da decepção conduzirem à aflicção e à insegurança que, por sua vez, geram o sentimento de falta. O sentimento de falta resulta do conflito entre o /querer-ser/ e o /saber poder não ser/ e o /crer não ser/. Os efeitos passionais da insatisfação e da decepção são, nesse caso, interrompidos e seguidos do sentimento de falta que dá lugar a um programa de liquidação da falta. A insatisfação e a decepção assumem o papel de termos intermediários entre o estado relaxado de crença no contrato imaginado e a situação tensa final de falta.

Há dois tipos de falta, conforme resulte da insatisfação ou da decepção (que pressupõe a insatisfação), quais sejam a falta de objeto-valor e a falta fiduciária ou falta de confiança. A liquidação da falta toma, portanto, duas direções, na tentativa de suprir a falta de objeto ou de resolver a crise de confiança, e produz, nesses percursos, novos efeitos passionais.

Entre as paixões até o momento descritas, apenas as de aflicção e de insegurança podem ser consideradas paixões tensas ou de falta. As demais são paixões relaxadas, como a felicidade ou a confiança, distensas, como o alívio ou a segurança e intensas, como a insatisfação ou a decepção. As paixões intensas de insatisfação ou de decepção podem ser chamadas de paixões de ausência (Zilberberg, 1981: 25-6) e são diferentes das paixões de falta. Segundo Fontanille (1980), há dois modos de rompimento do contrato fiduciário, o unilateral e o bilateral. No rompimento unilateral, o sujeito de estado, frágil, coloca-se na defensiva: são as paixões de decepção que não conduzem à falta e à sua reparação. No segundo caso, o sujeito é forte e ofensivo: são as paixões de falta que geram programas de liquidação.

A falta resolve-se de três formas diferentes: pelo prolongamento da aflicção e insegurança na «paixão» relaxada da resignação e da conformação; pela volta à situação de confiança e, finalmente, pela reparação. Para reparar-se a falta é necessário instaurar-se um sujeito do fazer, em geral em sincretismo com o sujeito que sofre a falta e a quem cabe realizar um programa para liquidá-la. O programa reparador liquida ora a falta de objeto — efectua-se novas tentativas de conjunção — ora a falta de confiança.

A falta de confiança faz-se acompanhar, nas paixões tensas de falta, de malevolência, assim como a confiança é seguida de benevolência. (GREIMAS, 1981: 18). A malevolência e a benevolência interpretam, para Greimas, a hostilidade e a atração de paixões definidas pelo /querer-fazer/, bem ou mal, a alguém. O /querer-fazer/ é a modalização que dá início à competência do sujeito reparador da falta, que o instaura como tal.



26: Por que interromper a falta?

2 tipos de falta: de objeto e de confiança

27: Insatisfação e decepção?

28: Como se manifesta a falta?

29: Insatisfação e decepção?

30: Insatisfação e decepção?

31: Insatisfação e decepção?

32: Insatisfação e decepção?

no caso de D. → qual é, fica apenas no TENSÃO!

Falta da confiança: malevolência

Dessa forma, o /querer-fazer/ que instala o sujeito reparador define-se como querer fazer mal a outro sujeito, considerado responsável pela falta. O sujeito que desperta a hostilidade do sujeito reparador pode, segundo Greimas (1981), ser entendido como destinador ou como anti-sujeito, o que gera, respectivamente, programas de revolta e de vingança.

O sujeito, graças à determinação modal do /querer-fazer/, encontra-se instalado como sujeito. Ele quer liquidar a falta sofrida, mas precisa ainda de outras qualidades modais que o tornem competente para a ação reparadora.

O desejo de vingança ou de revolta, causado pela violência da ofensa, representa-se, na estrutura modal, pelo /poder-fazer/ (GREIMAS, 1981: 21), que vem completar a qualificação modal do sujeito. O sujeito torna-se, então, sujeito competente para o fazer, isto é, instaurado pelo /querer-fazer/ e atualizado pelo /poder-fazer/. O /poder-fazer/ é a forma de o sujeito ofendido auto-afirmar-se, graças à possibilidade de destruição do ofensor.

Os termos que exprimem as paixões de malquerença organizam-se em dois grupos distintos: as de malquerença propriamente dita, isto é, paixões definidas pelo /querer-fazer/, e as de malquerença por sentimento de honra ofendida, instalando também o /poder-fazer/. A hostilidade, por exemplo, caracteriza-se pelo /querer-fazer/, já o ódio, além do /querer-fazer/, conta também, em sua definição, com o /poder-fazer/ do desejo de vingança ou de revolta.

Resta lembrar que, assim como a insatisfação e a decepção levam à malquerença da hostilidade e da agressividade, a satisfação e a confiança conduzem à benquerença da afeição. A benevolência, interpretada como querer fazer bem ao outro, tem também possibilidade teórica de ser definida pelo /poder-fazer/, que torna o sujeito competente para o fazer da recompensa. No entanto, ao menos pelas definições de dicionário, não há paixões «benevolentes» do /poder-fazer/. Enquanto o ódio é entendido como paixão que impele a causar ou desejar mal a alguém e a ira como desejo de vingança, o amor caracteriza-se como sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem ou de alguma coisa. Entende-se por isso que, embora seja «ponto de honra» recompensar alguém que corresponde às expectativas, essa questão não tem a mesma força, entre as relações intersubjectivas, que a punição do ofensor.

Nos quadrados semióticos abaixo propostos, representam-se as paixões de benquerença e malquerença.



paixões de malquerença: desejo de vingança, desejo de revolta, desejo de punição

[poder-fazer] a vingança, a revolta, a punição (possibilidade de destruição do ofensor)

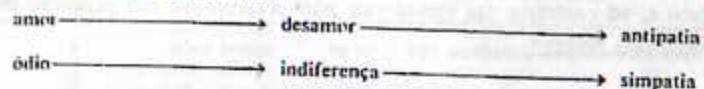
Q1: O que é o poder-fazer que aparece no lugar de 'recuperar'?

insatisfação e decepção são: benevolência

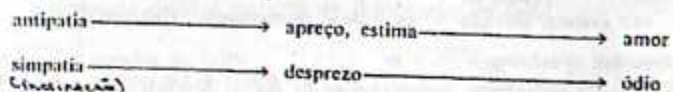
[poder-fazer] a recompensa, a pena, a punição (é tem o mal, mas por se e a punição do ofensor)

Há dois percursos de variação tensiva possíveis em cada quadrado:

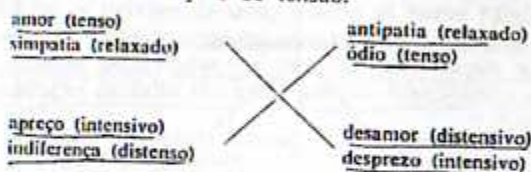
1. Da tensão ao relaxamento:



2. Do relaxamento à tensão:



Estabelecida a ambivalência dos dois quadrados, as variações tensivas entre amor e simpatia, ódio e antipatia, apreço e indiferença, desprezo e desamor são também resoluções de tensão.



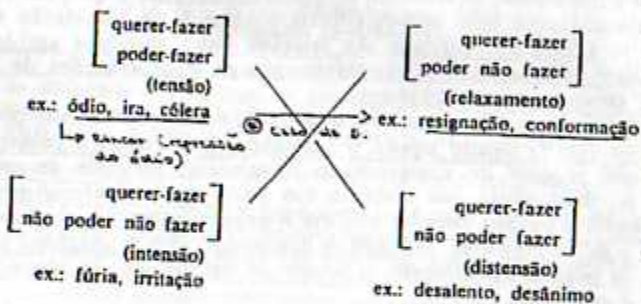
Definição
pelo /querer-fazer/

Alguns exemplos de paixões de benevolência e de malevolência estão abaixo organizados:

BENEVOLENCIA	MALEVOLENCIA
1. /querer fazer bem/ 2. /querer não fazer mal/"	1. /querer fazer mal/ 2. /querer não fazer bem/
benquerença (1, 2) amor (1, 2) amizade (1, 2) afeição (1, 2) afeto (1, 2) afeiçoamento (1, 2) simpatia (2) inclinação (2)	malquerença (1, 2) ódio (1) raiva (1) rancor (1) cólera (1) ira (1) indignação (1) aversão (2) animosidade (1) fúria (1) execração (1) inimizade (1, 2) hostilidade (1, 2) repulsa (2) antipatia (2) repugnância (2)
3. /não querer não fazer bem/ apreço consideração estima	3. /não querer não fazer mal/ desprezo desconsideração desdém
4. /não querer fazer mal/ indiferença condescendência complacência	4. /não querer fazer bem/ desamor indiferença desinteresse

O termo indiferença estaria mais bem colocado como neutro, não quer fazer nem bem nem mal, nem amor nem ódio. No entanto, não se encontrou melhor denominação para a negação do ódio. Pensou-se em condescendência e complacência, por marcarem uma certa boa vontade em relação ao sujeito causador de ódio.

Passando ao segundo grupo de paixões de benquerença e malquerença, ou seja, àquelas que se definem também pelo /poder-fazer/, duas observações são necessárias: só serão examinadas as paixões de malquerença, pela razão, já apresentada, de não existirem, ao menos no português, paixões benevolentes do /poder-fazer/; não se pode esquecer que tais paixões se caracterizam por uma organização sintagmática complexa que culmina no /poder-fazer/. Projetadas no quadrado, as paixões do /poder-fazer/ apresentam-se como:



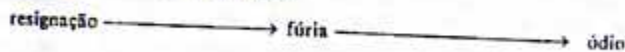
Definição pelo /querer-fazer/ e não /poder-fazer/ (exame da paixão da máquerença)

O /poder-fazer/ corresponde, de uma certa forma, à recuperação da confiança em si-mesmo, enquanto o /não poder fazer/ é a perda total de confiança, o desalento e o desânimo que podem conduzir o sujeito à conformação e à resignação, como se vê nos percursos abaixo:

1. Diminuição da tensão:



2. Recrudescimento da tensão:



/PODER-FAZER/	/NÃO-PODER-NÃO-FAZER/	/NÃO PODER FAZER/	/PODER NÃO FAZER/
ódio ira cólera raiva rancor	fúria furor irritação exacerbação	desalento abatimento depressão	resignação paciência conformação

As paixões definidas pelo /querer-fazer + não poder não fazer/ caracterizam-se, principalmente, pela violência e pelo impeto da fúria ou da irritação, enquanto seus termos contraditórios, determinados pelo /poder-não fazer/ da resignação, definem-se como «suportar sem queixas» ou «submissão paciente aos sofrimentos da vida».

Descreeveram-se as paixões de liquidação da falta, como o ódio ou a fúria, graças à combinatória modal do /querer-fazer/ e do /poder-fazer/, resultantes de um longo percurso passional, que teve a espera como ponto de partida. No entanto, a reparação da falta, pelo sujeito do fazer competente, só acontece, realmente, na realização desse fazer, ou seja, nos atos de vingança ou de revolta.

Grêmias (1981: 19) distingue dois tipos de sujeitos ofensores, o destinador e o anti-sujeito. Se o sujeito que provocou o sentimento de malevolência for o destinador, ter-se-á um programa de revolta; caso a malevolência tenha sido inspirada pelo anti-sujeito, o programa de liquidação da falta será um programa de vingança. As relações entre sujeito e anti-sujeito e entre o destinador e destinatário-sujeito são as duas posições de conflito possíveis na organização narrativa.

Entende-se a revolta como o programa de reparação da falta provocada pelo destinador. O sujeito rejeita o destinador que faltou à palavra dada, mesmo que se trate de compromisso imaginário, pois ele se coloca na posição do destinatário que cumpriu sua parte no contrato e que espera do destinador a sanção positiva que lhe é devida, sob a forma de reconhecimento e de recompensa. Quando o destinador não o sanciona ou, além do mais, o julga negativamente, o sujeito se decepção, se torna inseguro e aflição e se revolta.

Já na vingança tem-se o programa de liquidação da falta causada, na perspectiva do sujeito, pelo anti-sujeito. O sujeito e o anti-sujeito, como é sabido, confrontam-se na narrativa pois estão em busca dos mesmos valores. Na vingança, o sujeito «ofendido» assume o papel de destinador-julgador e sanciona negativamente o anti-sujeito que não cumpriu o esperado ou que exerceu um fazer contrário e prejudicial aos seus projetos. A vingança liquida a falta fiduciária, que diz respeito às relações intersubjetivas, e soluciona a crise de confiança, graças ao reconhecimento do herói e do vilão, isto é, «ao reinstalar de novo, de forma categórica, a linguagem da verdade» (GRÊMIAS, 1981: 24).

Para descrever as paixões complexas, ou ao menos alguns dos percursos, foi preciso organizar os percursos em etapas ou estados passionais e determinar as transformações modais desses estados que, dessa forma, desembocam em configurações produtoras dos efeitos afetivos e passionais. Tais paixões pressupõem uma «história» modal (e passional) anterior, ou seja, explicam-se como configurações modais sustentadas pela organização narrativa. A paixão do rancor, por exemplo, determina vários estados passionais do sujeito: o de espera satisfeita e confiante, o de frustração e de decepção, o da insegurança e aflição da falta, o de malevolência e, finalmente, o de rancor. O rancor permite a passagem ao fazer reparador, mas, como diz o dicionário, é, às vezes, sopitado ou reprimido.

Os arranjos passionais sintagmáticos apresentados podem ser apreendidos como organizações paradigmáticas. Serão retomadas agora as relações básicas de um sistema de paixões, tal qual foram aqui examinadas.

o ser possível a violência o dar?

Sup. dest. int. o dar a revolta o anti-sujeito

Violência, fúria ou irritação x resignação
liquidação da falta: espera → ódio ou fúria (querer-fazer) + poder-fazer
reparação da falta → realização do fazer (o q não acontece no texto)

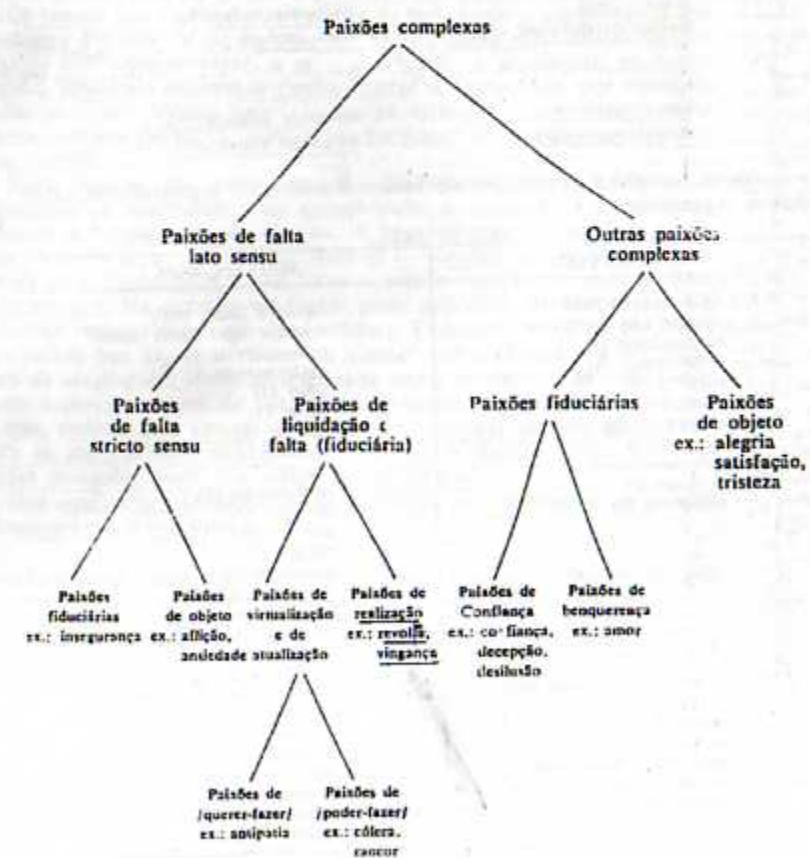
Revolta
sujeito e anti-sujeito
em busca dos mesmos valores
vingança
reinstalação da verdade

Rancor
a passagem da D e

Diferenciam-se, num primeiro momento, paixões simples de paixões complexas. As paixões simples definem-se pela relação do sujeito com o objeto e, ao contrário das complexas, não pressupõem um percurso modal e passional anterior.

paixões simples [querer-ser] vs paixões complexas [querer ser + ...]
ex.: avareza, ambição ex.: cólera, ressentimento, vingança, alívio

As paixões complexas, organizam-se de forma hierárquica, embora haja muitas vezes superposição de critérios, caracterizando a recursividade dos percursos.



Entre as paixões complexas opõem-se, como mostra o esquema anterior, as paixões tensas de falta às demais paixões, que não conduzem à falta ou à sua reparação.

paixões de falta (lato sensu)
ex.: cólera, aflição
(paixões tensas) vs outras paixões complexas
ex.: desilusão, alegria, confiança
(a conduzem à falta/reparação)

As paixões de falta, por sua vez, diferenciam-se em paixões de falta propriamente ditas e paixões de liquidação de falta.

paixões de falta [querer ser + crer não ser + saber poder não ser]
ex.: aflição, insegurança, ansiedade vs paixões de liquidação de falta [querer fazer +...]
ex.: ódio, cólera, revolta

Tanto as paixões de falta, quanto as outras paixões complexas organizam-se em paixões causadas por relações fiduciárias entre dois sujeitos e em paixões decorrentes das relações entre sujeito e objeto. As paixões de liquidação de falta são todas paixões fiduciárias.

paixões de decepção/confiança (paixões fiduciárias)
[querer ser + crer ser]
ex.: desilusão, confiança, segurança vs paixões de satisfação/insatisfação [querer ser + saber poder ser]
ex.: tristeza, alegria, alívio

As paixões de liquidação da falta subdividem-se em paixões de virtualização e de atualização (paixões de competência) do sujeito do fazer encarregado de reparar a falta e em paixões de realização do sujeito.

paixões de realização [querer-fazer + poder-fazer + fazer]
ex.: vingança, revolta vs paixões de virtualização e de atualização [querer-fazer + poder-fazer]
ex.: ódio, cólera

As paixões de virtualização e de atualização são, respectivamente, paixões de /querer-fazer/ e paixões de /poder-fazer/.

paixões de /querer-fazer/
ex.: antipatia vs paixões de /poder-fazer/
ex.: rancor, cólera, ódio

Incluem-se entre as paixões de /querer-fazer/ as paixões de benevolência, que acompanham a confiança e podem desembocar na recompensa. Considerando que tais paixões não caracterizam a falta, na definição apontada, preferiu-se colocá-las como subtipo das outras paixões fiduciárias. Reconhece-se, porém, a necessidade de se aprofundar o exame das paixões benevolentes, sobretudo para explicar a passagem do sujeito de estado confiante a sujeito virtual do fazer, que quer fazer.

paixões de confiança/decepção [querer ser + crer ser]
ex.: confiança, decepção, segurança vs paixões de benquerença [querer-fazer]
ex.: amor, simpatia

A classificação das paixões obedeceu a critérios apenas de organização modal dos estados passionais que compõem os percursos. Acredita-se ser essa a perspectiva de classificação que apresenta interesse para a semiótica e para os demais estudos do texto e do discurso. A organização proposta distingue-se, portanto, graças ao ponto de vista adotado, das taxinomias de paixões apresentadas no campo da lógica ou no da psicanálise, entre outros.

NOTAS

¹ Este artigo retoma, com modificações, um item de nossa tese de livre-doutorado *A festa do discurso*, apresentada e defendida na Universidade de São Paulo, em 1985. Os desenvolvimentos mais recentes da teoria semiótica das paixões são, portanto, apenas rapidamente mencionados ou de longe presentidos neste texto, como ocorre com as relações entre as paixões e a aspectualização discursiva.

² Veja-se, para as modalidades tensivas, Zilberberg, 1981.

³ Não foram examinadas as paixões simples do dever-ser. Veja-se, a respeito, Parret 1982.

⁴ As marcas epistêmicas de tais paixões mostram-se, claramente, nas definições do dicionário — sentimento de insegurança (ansiedade), incertezas (ânsia) —, dificultando um pouco a distinção entre elas: paixões de confiança e de decepção e obrigando a se falar, antes, de predominar em que de exclusividade.

⁵ RANCOR define-se como «aversão profunda ou ressentimento amargo, não raro suprido ou reprimido, ocasionado por algum ato alheio que causa dano material ou moral».

⁶ A benevolência caracteriza-se tanto pelo /querer fazer bem/ quanto pelo /querer não fazer mal/. Os números entre parênteses mostram as possíveis combinações. Interpretou-se como /querer não fazer mal/ o traço, figurativamente representado, de inclinação, aproximação e atração, encontrado nas definições do dicionário.

⁷ J. Fontanille (1980) afirma que a revolta decorre do desespero e que o sujeito desesperado rejeita o destinador, mas não os valores que o destinador representa. O desespero e a revolta surgem do conflito entre a perda de confiança no outro e em si mesmo e a confiança, reiterada, em «alguma coisa de transcendente». Exemplifica com a análise do texto de Aragon, em que os soldados de Luis XVIII, abandonados pelo rei na fronteira da Bélgica, mantêm sua adesão aos valores monárquicos, embora não mais aceitem os representantes, de fato e de direito, da monarquia.

⁸ Greimas (1981: 25-6) compara à vingança duas de suas variações, a justiça e o sadismo. Segundo o autor, a justiça, como vingança «socializadas», perde muito de seu carácter passional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FONTANILLE, Jacques (1980) — Le désespoir. *Actes Sémiotiques — Documents*, Paris, II (6).
- GREIMAS, Algirdas Julien (1981) — De la colère. *Études de sémantique lexicale. Actes Sémiotiques — Documents*, Paris, III (27).
- (1983) — Du sens II. Paris, Seuil.
- MARSIANI, Francesco (1984) — Les parcours passionnels de l'indifférence. *Actes Sémiotiques — Documents*, Paris, VI (53).
- PARRET, Hermann (1982) — Elements pour une typologie raisonnée des passions. *Actes Sémiotiques — Documents*, Paris, IV (37).
- ZILBERBERG, Claude (1982) — *Essai sur les modalités tensives*. Amsterdam, Benjamins.

Paixões complexas
de falta + de objeto
fiduciárias entre 2 sujeitos

Paixões de liquidação da falta
de competência
de realização

Paixões de virtualização
de atualização

Paixões de benevolência
querer-fazer

Paixões de falta (lato sensu)